

# 2004: 2 x Bruno

José Arthur Bogéa

Oitenta anos da publicação do livro de poemas *Bailado Lunar* [1924], cinquenta do romance *Candunga* [1954] e Santa Maria de Belém do Gram-Pará festeja Bruno de Menezes [1893-1963], duplamente, neste Ano da Graça de 2004. A poesia representa, na trajetória literária do autor, obra da mocidade, enquanto a ficção vem na maturidade. Antes do *Bailado* (passo a abreviar), publica *Crucifixo* [1920] e *Candunga* é precedido da novela *Maria Dagmar* [1950].

O livro *Crucifixo* é o *ecce homo* de BM, tal como, vários, se apresenta: “Todo Poeta é o Homem-Deus – incompreendido”; “a Tristeza é minha irmã”. Mesmo sob o signo do cisne, “embora eu seja um cisne entoando o último cântico!”; “olhos assim [...] são dois cisnes morrendo” – não se aproxima do Simbolismo. É um mui digno representante do Ultra-romantismo e isto, também, apesar da epígrafe parnasiana de Bilac, tirada de *Inania Verba*. Já há, sim, certa inovação vocabular – “incalmas”, “crepusculando” – que seria marca de *Batuque* [1931] que agride expressões como “lírios seráficos”, “calix de travos” – mais novecentos impossível: “passionais paixões”.

A novela *Maria Dagmar* é a versão paroara de *femme fatale*, curiosamente escrita como se tudo se passasse num palco de *vaudeville*, mas com o travo amargo do castigo para a protagonista, única entre os personagens a ser identificada pelo nome. Todos os outros são apontados por laços de parentesco ou profissão. Para Íris Zavala a mulher *fin-de-siècle* [XIX] recebe em contrapartida esse enorme símbolo fálico no coração da capital francesa: a torre Eiffel – e Belém não é, no período da borracha, a Paris Tropical? *Maria Dagmar*, assim como *Crucifixo*, têm em comum “Certa mulher. Um sonhador. Paixões” que, como numa litania, responde “Minha fé! – esse amor, certa mulher”.

Os poemas de *Bailado Lunar* são um reflexo desse período da Literatura Brasileira, que vai do Romantismo à Semana de Arte Moderna de 1922. Um amálgama de Parnasianismo, Simbolismo, Impressionismo e algo de titubeante no âmbito do Pré-modernismo. Mas, o Autor já imprime a marca pessoal que explode com *Batuque*, a Lua Negra de BM.

No poema-título que abre o livro já se concentram características de todas estas escolas. Romantismo – evocação de lugares distantes e paisagens de mistério:

“Entre cortinas da Bretanha e céus nevoentos”

Parnasianismo – a descrição de formas:

“E que corpo de taça! E que olhos de missanga”.

Simbolismo – aliterações:



“na histeria coreográfica do Ritmo...”

Impressionismo – sensações interiores:

“Para as bandas do mar o luar se esfaz em sombra...”

O Pré-modernismo – retrato da atualidade:

“Há um ‘solo’ de oboé num ‘jazz-band’ yankee...”

BM ainda não é Modernista, como ainda não o é em *Poesia* [1931], livro lançado no mesmo ano em que “Toiá Verequête!” recita *Batuque* através de Mãe Ambrosina, ao som do “rumpi”.

Símbolos *art-nouveau* pontuam o ritmo de *Lua Sonâmbula*

Nenufar:

“a Lua oferta à Noite os nenúfares / dos seus jardins feitos de aromas brancos...”

Arabesco:

“coberta de arabescos e recamos”.

O lírio, curiosamente, aparece sempre no sentido metafórico

“A Lua, arqueada e fina, é a haste de um grande lírio / que baloiça”

“Num chafariz [...] / um lírio de água se esfolhava, cristalino”.

“o lírio líquido em desfolhos”.

e entre todos os símbolos se destaca o cisne e seu reflexo

“Num lago verde os cisnes se espelhavam”.

Zavala, em *Rubén Dario: Bajo el signo Del Cisne* (como a citação anterior, faço de memória) lembra que, desde a Grécia Clássica, é pintada com a cabeça voltada para a direita do espectador, mas no *fin-de-siècle* [XIX] inverte a posição e passa a representar a grande interrogação de um novo século [XX].

BM divide *Bailado Lunar* em três partes. Na primeira o poema título, cujo verso inicial: “A lua é a bailarina imemorial dos ares”, está sempre citado em trabalhos sobre o livro. A seguir *Ba-ta-clan* e, por fim, *Do Romance de Pierrot*, dividido, por sua vez, em três partes – o Autor resgata, assim, as figuras de Pierrô, Arlequim e Colombina que surgem no teatro renascentista e reaparecem depois de um longo eclipse, no século dezanove.

O livro se encerra com o poema *A mulher esperada...* que além de ser um soneto, destaca o emprego que BM faz das reticências e a constante de sua temática do amor: “A mulher que se espera é um bem perdido...” A reticência no título é como se este fosse parte do primeiro verso e, quando repetido no verso final remete de volta ao título, a partir da cesura: “é um bem perdido...// A mulher esperada...” – recurso que aparece em outros poemas.

O soneto é cultuado por BM desde *O Operário*, escrito aos vinte anos e publicado no periódico *Martelo*, 1913. Persiste, ao lado do verso livre, nos primeiros livros. Destaca-se em *Poesia: Noturnos, Evangelho, Os Sonetos de Werther*, além de em *Lua Sonâmbula* [1953] e no volume *Onze Sonetos* [1960], Prêmio Cidade São Jorge de Ilhéus, da

Academia de Letras daquela cidade baiana, com Manuel Bandeira, Álvaro Moreira e Antonio Olinto no júri.

A mulher na poesia de BM é a representação da *femme fatale* em suas raízes gregas – a esfinge: “Loura e magra. / Um tanto / de felina, outro tanto / de ofídica”, que se fixa como imagem persistente para o Poeta: “Loura e magra, ela passava...” – como se lê no poema *Visão aérea...*, no *Bailado*, a que se soma “unhas em garras... tenebrosas” do poema seguinte, *Silhueta viva*.

Quando me debrucei sobre a prosa de BM constatei que a novela *Maria Dagmar* é lunar, enquanto o romance *Candunga* é solar. Lunar é toda poesia do Autor de *Batuque*. Mesmo em *Crucifixo*, que é a “noche oscura” de BM, há “luares” apenas sugeridos no poema *Na Praia do Cruzeiro* e no último dos *Onze Sonetos* surge “a luz imprecisa da lua” – mas sempre presente em todos os livros: Lua / lua, lua cheia, luar / luares, lunar, lunarmente, luarescido [não dicionarizado], luarescente [idem], enluarada, plenilúnio. A lua se repete no título de *Lua Sonâmbula* e é misteriosa, branca, silente, etérea, sensitiva, romântica ou traduz-se como “camélia argêntea”. A magia dos versos de BM transforma os leitores em “cisnes que nos luares vogam”.

